

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS QUEER PARA A INTERFACE COMUNICATIVO-EDUCATIVA: O CASO DO WEBDOCUMENTÁRIO [SSEX BBOX]¹

Camila Oliveira²
Gabrielle Staniszewski³

Resumo:

A lógica hegemônica tradicional reitera as noções do conhecimento e do sujeito universal – homem, branco e heterossexual. Desse modo, impulsionados pelos Estudos Culturais e correntes Pós-estruturalistas, os Estudos Queer empreendem em questionar a estabilidade entre oposições limítrofes entre biológico/cultural para questionar possibilidades além da fixidez normativa. Neste cenário, o presente artigo parte dos Estudos Queer para compreender o que há de comunicação-educação no webdocumentário [SSEX BBOX]. Apresentamos uma análise por meio do método de estudo de caso, no qual podemos observar que a forma como os episódios que compõem o webdocumentário é produzida faz com que ele se aproxime da interface comunicativo-educativa, na medida em que proporciona a construção crítica de conhecimento sobre sexualidade e gênero de modo dialógico e interativo. Ao final, aponta-se a importância da produção de conhecimento sobre a sexualidade para pluralizar o diálogo social e ampliar as formas e possibilidades das pessoas se expressarem.

Palavras-chave: Comunicação-educação. Sexualidade. Estudos Queer. SsexBbox.

1. INTRODUÇÃO

A concepção de sexualidade e gênero na lógica hegemônica tradicional limitam práticas e possibilidades de identidades às categorias estáveis e binárias, homem/mulher e heterossexual/homossexual. Desse modo, os sujeitos que escapam ou transitam entre essas fronteiras são postos às margens das normas da sociedade. Nesse sentido, as diversas áreas do conhecimento tradicional sustentam esse discurso, ao passo em que reproduzem a centralidade do conhecimento e da heteronormatividade – pressupondo a heterossexualidade como uma *identidade legítima*.

¹Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Educação, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

²Estudante do 4º ano do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Contato: camilaoliveira023@gmail.com

³Mestre em Comunicação, Professora Colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Contato: comunicacao.gabrielle@gmail.com

A perspectiva teórica queer problematiza as noções binárias de gênero, descentralizando e apontando para possibilidades além da heteronormatividade. A palavra queer, do inglês, carrega o modo depreciativo de se referir a gays, lésbicas e trans – o mesmo que bicha, sapatão, traveco, no Brasil – e ainda para pessoas que de algum modo escapam aos padrões convencionais da sociedade – como “estranho” ou “esquisito”. Segundo Louro (2009) “é ainda um insulto que, repetido à exaustão, acabou sendo deslocado desse local desprezível, foi assumido, afirmativamente por militantes e estudiosos” (LOURO, 2009, p.135).

Nesse sentido, o presente texto insere-se nas contribuições dos Estudos Queer para analisar o webdocumentário [SSEX BBOX]⁴. A série aborda sexualidade como tema central e apresenta testemunhos de estudantes, ativistas, artistas, educadores e outras pessoas compartilhando suas experiências e vivências. Lançado em 2012, [SSEX BBOX] foi dirigido por Priscilla Bertucci e documentado em 4 países – Brasil, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. A partir do webdocumentário resultou o projeto de justiça social, intitulado com o mesmo nome, [SSEX BBOX] – Sexualidade fora da caixa, o qual busca problematizar as questões sobre gênero e sexualidade a partir de vários outros formatos; filmes e debates, *workshops*, *podcasts*, ocupações e festas.

Considerando a proposta de discutir as diferenças e pluralidade de sexualidade e gênero na sociedade, o webdocumentário desperta a consciência crítica sobre a temática. Desse modo, utilizamos o método do estudo de caso apontado por Duarte (2014) para observar a forma como os episódios são produzidos e buscar compreender se podemos afirmar que eles se aproximam de uma interface comunicativo-educativa, a partir dos critérios que caracterizam um produto educ comunicativo apontados por Heck (2014).

2. A INTERFACE: COMUNICAÇÃO-EDUCAÇÃO

Comunicação-educação, mídia-educação, Educomunicação, educomídia. Há muitas formas de nomear a busca pela compreensão da interface comunicativo-educativa⁵ O que é importante ressaltar é que, embora muitas das teorias nesse novo campo se refiram

⁴ O webdocumentário [SSEX BBOX] pode ser assistido em: <http://www.ssexbbox.com>

⁵ Embora diferentes autores defendam as particularidades de suas próprias terminologias, neste trabalho estamos considerando estes termos como sinônimos, por entendermos que o importante em nosso caso é a constituição da própria interface.

originalmente ao ambiente escolar, estamos trabalhando aqui com espaços de educação não-formal, como o próprio ciberespaço. De acordo com Braga e Calazans,

estas perspectivas se colocam não só para o material informativo midiaticamente recebido – jornais impressos, telejornais, documentários, debates e entrevistas. Também no entretenimento – ficções narrativas, filmes em geral, programas musicais, espetáculos – o processo de aprendizagem se coloca (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 64).

Os autores apontam que é possível observar o esforço do sistema escolar na busca por manter-se e legitimar-se como principal centro de formação e aprendizagem, mas o que frequentemente percebemos é uma grande dificuldade de o sistema formal de ensino acompanhar as transformações e demandas sociais.

Assim, mais que uma prática didática e escolar,

Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) no ensino. Nem mesmo ser identificada com alguma das áreas de atuação do próprio campo, como a “educação para e com a comunicação” (media e educação). Tem lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social. (SOARES, 2011, p. 13-14)

Outro aspecto fundamental na compreensão da interface comunicativo-educativa é a noção do conceito de ecossistema comunicativo. Diferentemente da definição bastante utilizada por Martín-Barbero, na educomunicação a expressão é utilizada como figura de linguagem, em busca de “nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma visão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, *inclusive*, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias” (SOARES, 2011, p. 44, grifo nosso). Podemos perceber, nesta fala, que a interface inclui a questão da tecnologia, mas não se limita a ela.

Da mesma forma, quando falamos em termos da relação entre aprendizagem e comunicação social, a tecnologia aparece como ponto de apoio, atuando em conjunto através da união de esforços que constituem a interface, buscando a reflexão a partir da utilização de elementos tecnológicos que sejam realmente úteis ao processo e trabalhados de forma elaborada.

Orofino (2005) denomina essas atividades ou intervenções de processos de construção de reflexividade social. São ações que buscam avançar na crítica e

problematização sociais. Veremos adiante que o vídeo surge como uma alternativa de propor essa reflexão, unindo aspectos midiáticos e educativos.

No processo de educação realizam-se, ainda, dois movimentos: um primeiro, em que é feita a mediação entre o social, a prática construída e o indivíduo, no qual se forma a base dos pensamentos individual e coletivo e é quem possibilita a continuidade do processo histórico da cultura; e um segundo, que se caracteriza pela mediação que a palavra e a imagem fazem entre o pensamento individual e o social e pela possibilidade que cada um tem de ser sujeito, de reelaborar produzindo o novo, revelando como a educação se desenvolve na tensão entre o individual e o social (MELO; TOSTA, 2008, p. 55)

A mediação da palavra e da imagem se apresentam fundamentais quando tratamos do vídeo como meio propulsor dessa relação de Educomunicação.

2.1 VÍDEO COMO PRODUTO COMUNICATIVO-EDUCATIVO

Assim como os produtos midiáticos de forma geral, é preciso ressaltar que a simples existência de um vídeo ou outro material audiovisual não garante que o mesmo seja efetivamente educacional, ou que sua mensagem assegurará pluralidade e uma orientação mais democrática.

Para se verificar como a ideologia opera uma política de representações em determinado produto audiovisual é preciso levar em conta aspectos que vão desde os papéis sociais representados na tela, o número de personagens masculinos e femininos, o tempo de exibição de determinados personagens, os textos e a dimensão semântica do código verbal, os enquadramentos e movimentos de câmera, a iluminação, a trilha sonora, os cortes e a edição. O formato técnico dialoga em tempo integral com a dimensão ideológica; é impossível dissociá-los. (OROFINO, 2005, p. 90)

Assim, a construção da cidadania se dá através de práticas que dão significado ao mundo como local de luta social. Partindo da proposta da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, Orofino (2005) aponta que as tecnologias servem para auxiliar os indivíduos a significar o mundo e, a partir disso, superar os modos de exclusão, silêncio e opressão em suas variadas formas e contextos. Resgata também a ideia do “pensar crítico” que, para o autor, seria aquele que constitui um diálogo verdadeiro e elimina dicotomias entre o ser humano e o mundo social, compreendendo-os em uma relação de solidariedade – que não pode ser desfeita.

Este objetivo vai ao encontro das propostas sobre Educomunicação, baseado no fato de que a comunicação é pensada como direito de todos e o processo educutivo se volta para garantir esse direito e para ampliar as formas de expressão de pessoas e grupos, garantindo que os sujeitos sociais envolvidos tenham a possibilidade de expressar-se de igual maneira, sendo a linguagem sua principal mediação. Desta maneira, a difusão de uma linguagem diferente da coloquial da televisão proporciona novas fontes de aprendizagem para os participantes do ecossistema comunicativo. (HECK, 2014, p. 80)

Observaremos essa relação quando realizarmos a análise do webdocumentário. Antes, é preciso compreender como a perspectiva dos Estudos Queer contribui para o entendimento do que estamos tratando como comunicação-educação.

3. ESTRANHANDO A COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

As perspectivas dos Estudos Culturais e pós-estruturalistas impulsionaram os Estudos Queer a contestar a estabilidade das concepções clássicas de sujeito. Desse modo, respaldados pela crítica dos Estudos Feministas, “ampliam para a esfera da sexualidade reiterando a crítica ao saber como sempre inserido em relações de poder. O sujeito do conhecimento universal não é apenas masculino e branco, mas também heterossexual” (MISKOLCI, 2011, p.57).

Impulsionadas/os pela obra de Foucault, sexo/gênero é investigado por teóricas/os queer enredado por relações de poder:

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico.(FOUCAULT, 1980, p.29)

Nesse sentido, Butler (2010) revisa a crítica genealógica de Foucault e também a nietzschiana para redirecionar a problematização acerca de gênero não para sua possível “origem ou causa”, mas para os “efeitos de instituições, práticas e discursos” que o regulam. À vista disso, a filósofa sinaliza para a matriz de inteligibilidade cultural, que busca designar as identidades de acordo com a relação de continuidade entre sexo, gênero e desejo.

Embora a fixidez binária produzida entre biológico e cultural se inscrevam de múltiplos modos, categorizando e hierarquizando identidades de acordo com a lógica hegemônica da heterossexualidade compulsória, é preciso ressaltar as contradições da estabilidade fronteira entre sexo e gênero, ao passo em que são ultrapassadas pelas identidades que escapam à matriz de inteligibilidade:

Sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero (BUTLER, 2010, p.39).

Na medida em que discute efeitos que reiteram a heterossexualidade compulsória, a autora perturba a lógica da matriz de inteligibilidade cultural ao evidenciar as possibilidades subversivas das identidades, ao passo em que desestabiliza a fixidez aparente de sexo e gênero e então revela o que denomina “*status* performativo do próprio natural”. Desse modo, Butler (2010, p. 200, ênfase no original) propõe que “gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*”. Silva (2014, p. 89) ainda complementa, afirmando que, se compreendida por esse viés, a questão denunciaria a “artificialidade de *todas* as identidades”.

Nesse contexto, ao discutir a instabilidade das fronteiras normativas, Louro (2001) ressalta que o âmbito educacional também se vê desafiado:

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da Educação vê-se ameaçada. (LOURO, 2001, p.542)

A partir disso, esta autora propõe a articulação dos Estudos Queer com a educação e empreende inicialmente na tradução do termo *queering the curriculum*, ao adequar a expressão gauchesca “estranhar” como tentativa de colocar a proposta em ação:

colocar em ação algo que me parece implícito no uso gauchesco de estranhar: passar dos limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto e olhar de mal jeito o que está posto; colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele “corpo de conhecimentos”; enfim fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento. (LOURO, 2009, p.64)

Dessa forma, a autora recorre à matriz de inteligibilidade cultural e ressalta que os sujeitos que escapam de algum modo à norma serão colocados à margem das preocupações de “um currículo ou de uma educação que se pretenda para a *maioria*” (LOURO, 2009, p.66, ênfase acrescida). Portanto, ao considerarmos a proposta do webdocumentário [SSEX BBOX], o qual aborda sexualidade e gênero em uma perspectiva plural, buscamos compreender se de algum modo é possível reconhecer uma aproximação entre a interface

comunicativo-educativa, ao passo em que possamos estranhar os eixos da comunicação e da educação com as contribuições dos Estudos Queer.

4. MÉTODO E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Adotamos para este estudo o método do estudo de caso. Este procedimento de pesquisa possui, em geral, quatro características essenciais:

1. particularismo: o estudo se centra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real;
2. descrição: o resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido à indagação;
3. explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que se submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas;
4. indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo, segundo o qual os princípios e generalizações emergem a partir da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos. (DUARTE, 2014, p. 217-218)

Sistematizando as definições de autores que trabalham com a interface comunicativo-educativa, Heck (2014) estabelece alguns critérios que definem as características de um produto ou processo como sendo educocomunicativo, quais sejam:

1. Ações destinadas ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e democráticos em espaços educativos formais ou não formais;
2. É baseado em um processo dialógico e interativo;
3. Prescinde a presença de inclusão midiática e o domínio sobre as tecnologias da comunicação e informação com o propósito de melhoria nas formas de expressão e relação dos envolvidos e promover o uso adequado dos recursos da informação nas práticas educativas;
4. Possui interdiscursividade e o discurso transversal que contempla a multidisciplinaridade e a pluriculturalidade;
5. Visa à compreensão e o uso de sistemas simbólicos das diferentes linguagens para desenvolver o espírito crítico dos usuários de meios massivos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas e intervir nas relações de poder em espaços comunicativos e/ou educativos. (HECK, 2014, p. 72)

Partiremos destes critérios para analisar em que medida os episódios⁶ do webdocumentário [SSEX BBOX] se aproximam de uma interface comunicativo-educativa.

5. POSSIBILIDADES FORA DA CAIXA

Levando em conta o indicado por Orofino (2005), de se observar o formato técnico utilizado na produção do material audiovisual, percebemos que a proposta do webdocumentário de discutir a sexualidade, embora utilize recursos técnicos simples e uma linguagem linear, se apresenta de modo dinâmico. Os vídeos possuem a duração entre 10 e 22 minutos, se iniciam com a vinheta com o nome do projeto, [SSEX BBOX] – sexualidade fora da caixa, e logo segue com as pessoas/personagens que tratarão dos temas de cada episódio. No decorrer dos 5 episódios apresentam-se entre 7 e 12 indivíduos; ativistas, estudantes, educadores, escritores, psicoterapeutas e artistas de 4 países – Brasil, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. Os depoimentos são alternados em sequências curtas, o que evita tornar a discussão exaustiva, já que a potencialidade interativa do âmbito virtual demanda essa precaução.

Os temas abordados nos episódios são: Sexo, sexualidade infantil, religião, homofobia e gênero. Todos os – cinco – episódios iniciam diretamente na temática, em uma estrutura dialógica, no qual as pessoas interagem diversas vezes com a câmera – equipe/direção – ou ainda em um diálogo informal, com outras pessoas participantes.

O webdocumentário é introduzido por discussões sobre o que é sexo, na medida em que também questiona a lógica ocidental tradicional que categoriza e reduz sexo em atributos biológicos, a um *ato* que ocorre entre *homem e mulher*. Como podemos notar na fala do educador sexual, Charlie Glickman:

Há um monte de outras maneiras de fazer sexo. É mais fácil pra eu te dizer o que o sexo não tem que ser: Sexo não tem que ser com um parceiro, não tem que ser a relação sexual entre pênis e vagina, não tem que ser sexo oral, não tem sequer que ser estimulação genital direta. Para muitas pessoas sexo é sobre prazer, mas não sempre. Você pode fazer muitos dos mesmos atos e experimentar muito prazer ou bem pouco prazer e ainda assim ser considerado sexo. (SSEX BBOX, 2012)

⁶ Foram lançados um total de 7 episódios, mas estamos trabalhando nessa pesquisa apenas com os 5 primeiros, visto que os demais ainda são foram disponibilizados na versão brasileira (legenda em português).

No desenvolver, discute-se sobre os sintomas de se (não) falar sobre sexo na sociedade, o que faz com que as pessoas se sintam culpadas de algum modo. Nesse sentido, culpa e vergonha se relacionam com o sexo de diversos modos e práticas que regulam o social. O segundo episódio ilustra parte dessa questão, na medida em que traz a sexualidade infantil para discussão e observa que o assunto é tratado enquanto tabu, ensinando-se desde cedo às crianças, em fase de descoberta, que o prazer é algo vergonhoso e embaraçoso, e então sexo/sexualidade adquire uma esfera negativa de significações.

A religião reitera o sentimento de culpa/vergonha e designam práticas em relação à sexualidade como condições pecaminosas, atuando como mecanismo de controle e poder. O terceiro episódio apresenta manifestações na Alemanha, em novembro de 2011, em Berlim, em repúdio às declarações conservadoras do Papa Bento XVI e sua presença no parlamento. Nesse contexto, no episódio seguinte, ao discutir sobre a homofobia, também retoma a influência de poder da religião no âmbito jurídico, no qual possui bastante relevância, na medida em que dificulta – e dificultou historicamente no Brasil todas as tentativas dos projetos de lei relacionados à criminalização da homofobia – o trâmite das propostas relacionadas aos gays, lésbicas e trans. Desse modo, observa-se potencialidade do webdocumentário em conscientizar politicamente as pessoas em um alcance global, observando como a religião interfere nessas discussões a partir da perspectiva dos dois países – Alemanha e Brasil.

No decorrer, a homofobia é abordada em relação aos constantes crimes de violência que acontecem em São Paulo. Marina Bruno, estudante, relata que seus amigos evitam andar de mãos dadas, temerosos dos crimes cometidos por grupos de skinheads, e fala acerca da contradição do precário respaldo político da cidade e também da falta de integração do movimento gay: “Tem muito preconceito próprio, tipo, gay que não gosta de bissexual, que não gosta de travesti, é um absurdo tão grande” (SSEX BBOX, 2012). Nesse mesmo sentido, o designer Sargi Talló afirma que “para muitos gays, ser aceito significa ‘heterossexualizar sua homossexualidade’” e que *ao sair do armário* encontrou a homofobia em geral, no mundo gay e a sua volta, e que se incomoda com o fato de que “gays criticam as lésbicas; que as lésbicas critiquem os transexuais; que os gays, lésbicas e transexuais critiquem os bissexuais”.

Por fim, o quinto episódio introduz a pergunta sobre a diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual para debater sobre as categorias de sexo/gênero determinados pelo caráter biológico. Nesse sentido, aponta para a insuficiência dos binarismos para compreender gênero, na medida em que identidades não se limitam às categorias ou “caixas” – homem/mulher e masculino/feminino. Ainda que pessoas se

identifiquem nessas classificações, a pertinência em estabelecer a relação de continuidade entre sexo/gênero desencadeia marcadores de diferenças socioculturais, conforme posto em discurso práticas e ações que definem papéis sociais de acordo com o “sexo”.

Desse modo, percebemos que a proposta do webdocumentário [SSEX BBOX], na medida em que discute sobre os limites que enredam a sexualidade e gênero na lógica ocidental hegemônica, expande essas noções através de múltiplas perspectivas – educativas, intelectuais e pessoais –, desperta para estranhar as faces que regulam a sexualidade e para as possibilidades “fora da caixa” da heterossexualidade compulsória.

Nesse sentido, podemos afirmar que os episódios atuam no âmbito dessa interface a que chamamos comunicativo-educativa, “tendo sempre em mente que o discurso midiático não é monolítico, mas, sim, e como a própria realidade, ele é permeado de contradições” (OROFINO, 2005, p. 94).

5.1 DA APLICAÇÃO SISTEMÁTICA DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Além das características identificadas e já apontadas acima, partindo dos critérios estabelecidos anteriormente por Heck (2014), também reafirmamos estas propriedades comunicativo-educativas presentes no webdocumentário:

(A) Ações destinadas ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e democráticos em espaços educativos formais ou não formais;

Podemos considerar neste caso o webdocumentário como um produto comunicativo disseminado em um ambiente de educação não-formal (ciberespaço). Além dessa relação inicial, os vídeos apresentam a discussão de sexualidade e gênero de forma testemunhal, mas também didática, ao trazerem depoimentos de pesquisadores e explicações para desmistificar o caráter essencialista relacionado à temática. A sexualidade é sempre abordada por perspectivas positivas, em seus diversos aspectos, seja em relação ao sexo, as expressões de desejo ou a sexualidade infantil, que costuma ser um tabu para a sociedade.

Percebemos também grande esforço do produto midiático em incluir os temas em um espaço mais democrático de direitos e livre exercício da cidadania, especialmente ao problematizar o preconceito e violência associado à heteronorma, disseminado nas múltiplas faces da sexualidade.

(B) É baseado em um processo dialógico e interativo;

Os 5 episódios analisados possuem esse caráter dialógico e interativo apontado por Heck (2014), na medida em que foram produzidos levando em conta depoentes e pesquisadores de 4 países distantes entre si (Brasil, Espanha, Alemanha e Estados Unidos), apresentando, assim, uma pluralidade de pontos de vista socioculturais. Igualmente, como afirmamos acima, embora não tenha a capacidade de dialogar diretamente com o público, por se tratar de um produto audiovisual, há um esforço de olhar diretamente para a câmera em alguns momentos, e há a interação entre os próprios participantes, criando uma atmosfera de diálogo e compartilhamento.

O webdocumentário foi disponibilizado nas plataformas de compartilhamento de vídeo, Vimeo e YouTube, o que permite certo grau interação com o público, além de se estender às demais atividades do projeto[SSEX BBOX] – Sexualidade fora da caixa, ao qual o webdocumentário pertence, realizando *workshops*, exibição de filmes e debates sobre o tema.

(C) Prescinde a presença de inclusão midiática e o domínio sobre as tecnologias da comunicação e informação com o propósito de melhoria nas formas de expressão e relação dos envolvidos e promover o uso adequado dos recursos da informação nas práticas educativas;

Não pretendemos nos demorar neste item, visto que a descrição dos episódios realizada acima já apresenta esse caráter com clareza: os episódios utilizam linguagem simples, mas possuem uma preocupação técnica com a construção narrativa. É informal ao mesmo tempo em que se apresenta como um produto comunicativo produzido com profissionalismo.

(D) Possui interdiscursividade e o discurso transversal que contempla a multidisciplinaridade e a pluriculturalidade;

Os episódios são concebidos ouvindo-se várias diferentes vozes: pessoas que pesquisam sexualidade a partir de várias áreas do conhecimento, outros que atuam na militância da positividade em relação ao sexo, etc. Assim, ouvimos várias vozes inicialmente diferentes entre si, que apresentam pontos de vista convergentes, mas oriundos de diferentes locais epistemológicos, experienciais e culturais. Performances são misturadas a entrevistas em escritórios, conversas em espaços urbanos, a bate-papos na mesa do jantar.

(E) Visa à compreensão e o uso de sistemas simbólicos das diferentes linguagens para desenvolver o espírito crítico dos usuários de meios massivos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas e intervir nas relações de poder em espaços comunicativos e/ou educativos. (HECK, 2014, p. 72)

Vimos que estas relações de poder são centrais ao entendimento dos Estudos Queer. Assim, a intenção de intervenção aparece na medida em que se problematiza a heteronormatividade compulsória e se ressalta a violência não apenas física, mas simbólica, produzida pela regulação da sexualidade, que afeta todos os sujeitos, marginalizando aqueles que escapam à *norma*.

Embora a Internet ainda suscite dúvidas acerca de poder ser considerada ou não um meio massivo, é fato de que ela oportuniza a voz às pessoas, podendo assim levar o webdocumentário e a discussão da sexualidade a um amplo público através desse espaço democrático, fato que dificilmente aconteceria através dos meios tradicionais de comunicação.

5. CONSIDERAÇÕES

Compreendemos, como citado anteriormente, os esforços da Educação e também da Comunicação, em acompanhar as demandas sociais. Ao mesmo tempo em que a lógica hegemônica se mantém resistente nos meios tradicionais e reitera a estabilidade obsoleta do conhecimento e do sujeito universal. Nesse sentido, na medida em que expande as fronteiras epistemológicas da comunicação e da educação, a interface comunicativo-educativa proporciona uma alternativa para construção de uma sociedade plural, como no caso apresentado do webdocumentário e do projeto de justiça social [SSEX BBOX] – Sexualidade fora da caixa, que desempenham formas de discutir gênero e sexualidade além da [heteronorma].

Os Estudos Queer, com perspectivas dos Estudos Culturais, nos direcionam para as fronteiras da heterossexualidade compulsória e nos desafiam a desestabilizá-la, questioná-la ou ainda subvertê-la. De acordo com Louro (2009), devemos “estranhar” as circunstâncias em que se dá o conhecimento para então desestabilizar o que é conhecido e compreender as condições que permitem ou impedem de se conhecer. Apesar de a heteronormatividade ser o principal marcador de diferença problematizada pelos Estudos Queer, sua crítica não se reduz à contemplação de corpos abjetos ou ao discurso libertário homossexual. Empreende-se em

questionar os limites que reiteram diferenças que se organizam a partir da sexualidade, heterossexualizada ou não.

Desse modo, a produção de conhecimento sobre a sexualidade se faz relevante para ampliar a possibilidade de expressões, significações, pluralizar o diálogo social e procurar formas de colocar o conhecimento em ação. O webdocumentário surge, assim, como alternativa estratégica – e por que não, educativa – para construir criticamente um novo ecossistema comunicativo.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 3ª Ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 215-235.

HECK, A. P. **Uma ideia e um escrúpulo**: a apropriação de Capitu como experiência educacional. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Design e Comunicação. 253f. Curitiba: UFPR, 2014.

LOURO, G. L. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

_____. “Estranhar” o currículo. In: **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 1 ed. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2008.

_____. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.

MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp, Campinas – SP: 2007.

_____. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Luís Antonio F.; SABATINE, Thiago Teixeira ; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro (Org). **Michael Foucault: Sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OROFINO, M. I. **Mídias e mediação escolar**. Pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall ;Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SOARES, I. de O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.